

No Estado do Rio

A arte de desinformar e de surrupiar verbas

Os radicais de esquerda acham que conseguirão — com um sério esforço concentrado dos seus elementos dominantes na área de comunicação do País — transformar rapidamente a Neoconstituente numa espécie de “galola de loucas” da própria radicalia, colocando contra a parede a larga maioria liberal eleita pelo povo a 15 de novembro último.

Minoritário absoluto no Congresso nacional (e também na Assembleia fluminense e em todas as dos demais Estados), o **esquerdismo** apela cada vez mais para a sua grande e eficaz linha-auxiliar infiltrada nos jornais, rádios e televisão, a fim de intensificar e abrir mais e mais espaço à latente minoria militante — que mesmo sem votos promove um ensurdecedor furacão junto à opinião pública.

Não há um só noticiário cotidiano que não dedique vastos espaços ao que diz, ao que faz e ao que pensa a parruda médica Jandira Feghalli, ou o seu colega do PC pernambucano, Roberto Freire. Os “gatos pingados” da extrema esquerda ganham assim maiores espaços na televisão e nos jornais — e todo mundo fica pensando que não se fará jamais uma nova Constituinte sem que nela sejam incluídas as habituais teses hoje dominantes em todo o subconsciente e que fazem da “justiça social” um monopólio absurdo da turma totalitária — como a reforma agrária, a educação para todos, o respeito aos direitos humanos, a liberdade sindical etc.

E Brizola, em que pese aparências contrárias, sabe e compactua com todo esse estado de espírito. Como diria o Paulo Francis, o Brasil deu agora para imitar os Estados Unidos, também em matéria de indulgência plenária a todos os grupos “canhotos” que jogam vata-pá no ventilador da Nova República. Só que, nos Estados Unidos, o americano vive um presente perdulário, nadando na riqueza produzida livremente e quase sem crença nenhuma no amanhã, fazendo com que até o “anticomunismo” perca a sua seriedade, simplesmente porque não podem ser anticomunistas aqueles que realmente não sabem o que é o comunismo.

No Brasil, pelo contrário, o progresso das **esquerdas** em geral está na razão direta da pobreza ora imperante. Há socialistas diversos, alguns falando até na proclamação da Independência de Estados ao Norte, ao Nordeste e ao Sul, com apoio de certos eclesiásticos estrangeiros, já que o parque industrial paulista está para o resto da Nação como os Estados Unidos estão para o mundo.

Bate-se a todo instante na ridícula tecla de que a Constituinte instalada já se acha dominada por grupos de “exploradores contumazes” do Sul — e que “a direita”, através da sua esmagadora maioria de falsos moderados, já tomou conta também da Assembleia Nacional e fará a nova Constituição de acordo com os “tradicionais interesses dominantes”.

Brizola e seu grupo, ninguém se engane, está por trás disso e de outras jogadas semelhantes, juntamente com “socialistas” diversos, mesmo aqueles mais “canhotos” que seguem a juvenil porém já esclerosada inspiração do dr. Ulysses Guimarães. Brizola já montou um jornal no Rio, um malfeito semanário que não ostenta nenhuma publicidade, a não ser a famosa “institucional”, paga pelos cofres do Banerj. Por sua vez, o usineiro pernambucano Armando Monteiro Filho adquiriu recentemente boa parcela da área de comunicação em Pernambuco, a fim de ali intensificar a propaganda de “progressistas” tipo Brizola e Arraes.

Quanto ao presidente Sarney, não consegue hoje mexer no Planalto sequer o dedo mindinho. Está sendo convencido, nos bastidores, a unificar, em benefício do seu pedante e moderno posicionamento anticapitalista e de “opção pelos pobres”, todos os recursos publicitários da novíssima República.

Tal fato é assustador. Essa unificação no comando de faraônicas “verbas publicitárias” federais é um dos bons trabalhos que vêm sendo feitos “na moita” — e cautelosamente — pelas esquerdas, sob a batuta do PCB e do PCdoB, com todo o apoio dos “gênios” da tecnoburocracia estatizante e que controla atualmente a área econômica do governo. De mansinho, trabalham essas **esquerdas**, dentro e fora do Congresso, por essa “unificação de verbas”, convencendo Sarney, como já tentaram fazer a ex-generais, dantes ocupantes do Planalto, nos últimos vinte anos, que esse seria o melhor e mais moralizador caminho no relacionamento do poder com a imprensa.

Um mundo de malícia está contudo escondido atrás dessa **idéia repulsiva**. Já pensaram porventura numa secretaria de imprensa estruturada em função dos “objetivos sociais” de certos personagens que ora mandam e desmandam no País, nas mãos de um “porta-voz” a serviço de sub-reptícios “ideais” do devastador marxismo-leninismo tupiniquim?

E já não basta, como diria ainda o mesmo estadista-poeta, a “anáfora” e o “batológico” de cada instante, nos grandes órgãos de comunicação do empresariado “progressista”, sempre enamorado da “gauche”, essa nova e próxima visita ao Brasil do presidente português, Mário Soares, capitaneando uma comitiva de 150 artistas, poetas, romancistas e até “homens de negócios”, num evento sem precedentes até nas antigas capitâneas hereditárias, inclusive o Maranhão? Uma visita de tamanha significação e originalidade históricas, também com cerezeza de propaganda da moribunda social-democracia, européia, e que pelo acúmulo de trabalho e movimentação poderá, entre outras calamidades, defenestrar definitivamente do cargo de adido cultural em Lisboa o nosso infatigável, operoso e querido mestre João Condé, autor dos “Arquivos Implacáveis”.

A VOLTA DO DR. GOEBELS

Uma verdadeira democracia, ao contrário das ditaduras totalitárias de “esquerda” e “direita”, não pode sobreviver à custa do Erário, assim paga para existir pelo cidadão contribuinte. Da mesma forma que um governo democrático não precisa recorrer aos cofres públicos para explicar todas as suas decisões. Vá lá que em certos casos, como o do alastramento de uma epidemia macabra, com bocejo e fome medieval, justo se torne que autoridades recorram aos impostos e venham de público, mesmo com matérias pagas, ensinar o que o povo deve ou não fazer.

O dinheiro nacional é sagrado, queiram ou não os “canhotos” que vivem por aí a defender uma crescente aliança com falsos “liberais” da mão boba, pressurosamente acolitados pelos velhos malandros surrupiantes do estatismo “nacional-socialista”.

Quem poderá imaginar, numa democracia autêntica, a senhora Margaret Thatcher, majoritária nos comuns, ordenando ao tesoureiro de Sua Majestade que abra de imediato os cofres reais para justificar, perante os súditos, conservadores ou de oposição, o plano sanitário ou econômico que tenha ganhado dos jornais, rádio e televisão em Londres o arrepiante apelido de “Plano Jack, o Estripador”? Ou o presidente Reagan convocando urgentemente à Casa Branca o seu poderoso secretário de Estado, dando-lhe a seguinte instrução: “Meu caríssimo Schultz, providencie uma ‘babá’ convincente e instrua a nossa honorável área de comunicação para preparar caminho na opinião pública à nossa inadiável “operação-piparote” em Cuba e Nicarágua”...

Só no Brasil o tema dos gastos para autopromoção dos poderosos de plantão é mistério e tabu. Tal moléstia, contraída nos dias áureos do Estado Novo e institucionalizada nas “democracias” e “autoritarismos” posteriores, prosse-

gue em sua devastação na Capital do Cerrado e também nos Estados e municípios. Algo realmente inqualificável e monstruoso. Pois quem, afinal, já viu no mundo livre um país cujas garantias constitucionais, bem comum a todos, vivam a depender exclusivamente de verbas orçamentárias ou extras — orçamentárias para ter continuidade assegurada ao longo dos anos ou dos séculos?

Ninguém negará ao governo da novíssima República o direito de usar esta ou aquela verba (honestamente), em qualquer campanha de interesse nacional pertinente. Isso deve ser feito às claras, com “logotipo” aberto, sem o clássico recurso à chamada propaganda “institucional”, em que são mestras as companhias estatais, notoriamente devassas e falidas, mas sempre aptas a ajudar financeiramente na feitura da “imagem” dos estadistas do dia! Ninguém até hoje teve a feliz **idéia** de solicitar ao próprio Palácio do Planalto, por exemplo, o número exato de **contas oficiais** e qual ainda o critério que determina a sua distribuição.

Dizem que o falecido Plano Cruzado foi à garra porque nenhuma “comadre” poderosa do poeta Sarney — como a Caixa Econômica ou o Banco do Brasil — chegou na hora precisa para limpar, cortar o umbigo e segurar o recém-nascido de cabeça para baixo, até o clássico berro fatal.

Nisso, aliás, não há novidade: no tempo do general Geisel, por exemplo, quis o então presidente fazer um filme sobre as potencialidades brasileiras, destinado exclusivamente às embalagens, com traduções em francês, inglês e alemão. A despeito do despacho, favorável, longo e fugindo à regra, do citado presidente, o governo Geisel terminou, o filme não foi feito e os seus ministros, que distribuíram tantas outras gordas verbas a torto e a direito, e parece que mais aos tortos do que aos direitos, saíram assoviando baixinho da Esplanada dos Ministérios o “Mamãe, eu quero” e o “Gracías a la vida”, da Parra e Soza.

O problema ainda hoje é antigo, grave e sério. Mas é sobretudo “tabu”. Embora em torno dele a batalha intestina oficial seja bem maior do que um daqueles vampiros agigantados do já famoso poema presidencial. E gera, para quem conhece os bastidores de Brasília, a mais terrível colméia de “maribondos em fogo” surtos neste ciclópico “bananão” tropical. Ninguém alude, por consequente, ao silêncio cúmplice, quase obsequioso, de que o assunto permanentemente vive cercado.

Mas aí está, de saída, um dos raros problemas que mereciam de fato uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Para ir ao seu âmago. Trazê-lo à tona com toda a dignidade e firmeza. Para colocar de vez as coisas nos eixos, o que não se fez até agora.

E, entre outras razões gravíssimas, para evitar que, sob a capa de “unificação” nas informações oficiais, se venha a cometer um dos maiores crimes nesta República: entregar ao “porta-voz” presidencial, seja ele quem for, bruxo ou megera vadia, uma soma de poderes incalculável, que mataria de inveja o doutor Joseph Goebels e certamente tornaria insano o saudoso ministro Said Farah.

Já imaginaram porventura toda a Nação manipulada pelos “gazuas” profissionais da coisa pública? Controlando montanhas de cédulas de cruzados (e de outras moedas...) quilométricamente cuspidas das céleres gráficas da Casa da Moeda do Brasil? — Uma loucura, um sonho de estarrecer todo o estado-maior do dr. Leonel Brizola e de outros líderes futuros e sonhadores. O delegado Campana, então, cairia de quatro nessa “grana” monumental, fazendo pruetas bem maiores do que as do rei Nabucodonosor ao abocanhar a grama verde dos seus jardins suspensos.